

APÓS A FALSA ELEITORAL

SAÍAMOS CONSOLIDAR AS NOSSAS VITÓRIAS

O "período eleitoral" que há pouco terminou, traduziu-se num entusiasmo popular, dinamismo e combatividade das mais variadas camadas do nosso povo, nunca igualada desde a vigência do Estado Novo. Ele representou uma grandiosa vitória para os democratas portugueses, a qual culminou pela segunda vez, com a abstenção da Oposição. Este facto significa que a Oposição e o seu Candidato, fiéis ao compromisso tomado, não se deixaram enredar nos "cantos de sereia". O governo ao pretender que os democratas concorressem às eleições sabiam que estes seriam submetidos a uma derrota certa - mercê do recenseamento previamente "guizado" e de não estarem inscritos a maioria dos eleitores - o que possibilitaria ao Governo apresentar-se no campo nacional e internacional como possuindo o apoio da maioria da Nação.

Com um recenseamento que não correspondia à massa de eleitores da Nação, mas sim à massa de eleitores situacionistas, a oposição nunca poderia concorrer às "eleições" sem que isso não traduzisse fazer um "frete" ao Governo. Vejamos dois exemplos:

O distrito de Lisboa possui uma população de cerca de 1 milhão e 600 mil habitantes. "Votaram" somente cerca de 167.000, isto é, 10% da população. O distrito de Setúbal possui uma população de cerca de 350 mil habitantes. "Votaram" somente cerca de 19.000, isto é, 5% da população.

Assim, o facto de nos dizerem que tiveram 80% dos votos - mesmo que este número correspondesse à realidade - nenhum significado possui, pois a percentagem está baseada no número de eleitores inscritos, quer dizer, nos eleitores situacionistas.

Isto prova que era inteiramente justa a orientação do MUD Juvenil considerando que ir-se às "eleições" sem as condições mínimas e, principalmente, sem um recenseamento honesto, que correspondesse à grande e grande maioria de eleitores, seria seguir os desejos do governo e trair a Democracia. Assim, e em resumo, a luta no "período eleitoral" e a abstenção da Oposição, traduziu-se numa grandiosa vitória dos democratas e num sério golpe para o Governo, que vê enfraquecidas as suas posições. Tudo isto prova-nos, mais uma vez, que A DEMOCRACIA NÃO SE ADQUIRE, CONQUISTA-SE.

0000

O MUD Juvenil tem sempre salientado ao contrário do que sucedeu em 1945, tado que a Juventude, só com a sua a juventude realizou uma série de sessões públicas, onde estiveram presentes dezenas de milhares de jovens, unidade combativa, só com a sua organização, poderá ver as suas reivindicações e aspirações resolvidas em Lisboa (5), Porto, Coimbra, Setúbal, Faro, Estarreja, Barreiro, Covilhã, Piedade, Alpiarça, Estremoz, e na cidade da Beira (Moçambique). Toda a existência do nosso Movimento e, em particular, o período que acaba de decorrer, patenteiam claramente a justeza da nossa orientação. A Juventude democrática lançou-se decididamente em todos os pontos do País no apoio à Candidatura do General Norton de Mattos. Na propaganda, nas sessões, na mobilização dos democratas e em todas as acções levadas a cabo, a juventude esteve sempre na vanguarda. E, estes factos mostram-nos que, sem a existência do MUD Juvenil, a juventude não poderia ter contribuído tão decisivamente na campanha eleitoral.

tanto mais que todas as sessões da juventude foram organizadas e orientadas pelo nosso Movimento. Assim, todos estes factos são, antes de mais nada, uma consequência da unidade, organização, espírito combativo e vitalidade do MUD Juvenil.

Toda a nossa acção durante este curto período veio abrir-nos largas perspectivas e incutir entusiasmo e

confiança a todos os jovens democratas. Milhares de jovens, habitualmente indiferentes, surgiram dispostos a actuar; centenas deles vieram aderir ao MUD Juvenil, dezenas de novas comissões foram criadas ao longo de todo o País e maiores responsabilidades são exigidas ao nosso Movimento. Assim, as nossas principais tarefas, no momento actual residem essencialmente em

MANTER, ALARGAR E CONSOLIDAR O M.U.D. JUVENIL

É nossa tarefa primordial saber agir rapidamente no sentido de atrair à MUD Juvenil, duma forma efectiva e num espírito de continuidade toda essa grande massa de jovens que, embora arredados das nossas comissões patentearam tão claramente o seu amor à Liberdade e à Democracia. E, principalmente, que saibamos galvanizar todo o nosso Movimento em acções concretas, baseadas nas reivindicações e aspirações juvenis. A luta por melhores condições de vida, de estudo, de recreio; a luta contra o analfabetismo, a criação e desenvolvimento de actividades culturais e desportivas, devem estar na primeira linha das preocupações dos nossos aderentes.

Para isso, é necessário que dentro das empresas, nas escolas, no campo, nas colectividades recreativas e desportivas, as nossas comissões deem provas dum grande espírito de iniciativa e de audácia. Para isso importa saber aliar a nossa orientação aos interesses e aspira-

ções mais imediatas da juventude de cada uma das localidades, empresas ou escolas. Manter a nossa luta na conquista da Democracia, lado a lado de todos os democratas portugueses e no apoio ao General Norton de Matos. Manter a nossa luta na conquista das nossas reivindicações e aspirações juvenis.

Alargar as nossas lutas, as nossas tarefas, iniciativas e realizações. Alargar o MUD Juvenil atraindo a ele a grande massa de jovens democratas das cidades e aldeias.

Alargar a nossa legalidade e a nossa unidade e a nossa organização.

Consolidar o entusiasmo e combatividade de que a juventude se viu possuída. Consolidar as suas vitórias e conquistas no caminho da Democracia e duma vida melhor, mais alegre e mais feliz.

Tais são, em resumo, as tarefas principais de todos os aderentes e comissões do MUD Juvenil para as quais se impõe muita firmeza, audácia e iniciativa.

CRIAI BOLETINS NAS COLECTIVIDADES E NAS EMPRESAS

Como sabeis, qualquer colectividade, clube desportivo, cultural, recreativo ou campista, poderá possuir um boletim, privativo dos seus associados. Ele poderá ser impresso ou copiado, sendo a sua existência absolutamente legal.

Assim, toma imediatamente essa iniciativa, pois esse boletim será um elo de ligação, esclarecimento, e orientador de todos os associados do grupo ou clubes.

JOVENS CICLISTAS

Convidem todos os rapazes e raparigas da vossa localidade, bairro ou freguesia, a constituírem um grupo ciclo-turístico.

Aos domingos, organizar passeios de confraternização, estudo e recreio a outras localidades e regiões.

ORGANIZEMOS O NOSSO MOVIMENTO

Em diversas ocasiões, quando a Comissão Central pretende fazer um balanço ao número de aderentes do MUD Juvenil, dirige-se às nossas comissões e faz esta pergunta a cada uma delas: «Quantos aderentes existem à volta da vossa comissão?»

Perante esta pergunta, quase sempre recebemos uma resposta vaga: algumas comissões, temendo ser demasiado optimistas, limitam-se a indicar aqueles aderentes que mais se têm destacado, que convivem mais de perto com as próprias comissões; outras, mais optimistas dizem-nos que quase todos os jovens da sua região são democratas e que portanto podemos considerá-los aderentes,

embora não realizem qualquer trabalho concreto em defesa da Juventude; ou-
tras ainda, dizem-nos que podem dar uma resposta imediata e adiam-na.

A verdade porém é que, quando surge um movimento como o da Candidatura
do General Norton de Matos, a Juventude Democrática irrompe em massa de
todos os lados e, em todo o país, verificamos que centenas e centenas de
jovens se dirigem às nossas comissões interessados em assistir a uma ses-
são pública, interessadas em saudar o Candidato da Democracia, interessa-
das em ler todos os documentos publicados, interessadas em contribuir fi-
nanceiramente para as nossas realizações, etc., etc. Basta citar um exem-
plo: em determinado dia uma deputação de 200 jovens do Barreiro, à volta
da nossa comissão local dirigia-se a casa do General Norton de Matos a pa-
tentear-lhe a sua simpatia e o seu apoio entusiástico. E quem tenha lido
com atenção os sucessivos números da "República", verificou que de bastan-
tes pontos do país, eram enviados telegramas ou cartas de apoio traduzin-
do o sentir de centenas e centenas de rapazes e raparigas.

Que nos mostram estes factos?

Mostram-nos que, se por um lado a orientação seguida pelo nosso movi-
mento tem sido e continua a ser a orientação que melhor serve a Juventude
- pois corresponde às aspirações e ao sentir da imensa maioria dos jovens -
por outro lado, já não podemos dizer o mesmo pelo que toca ao desenvolvi-
mento da organização - pois continua a verificar-se que existem centenas e
centenas de jovens que querem o que nós queremos, sem no entanto sentirem
a presença cotidiana do Movimento, isto é, sem estarem organizados e sem
portanto realizarem tarefas bem definidas, estudadas e executadas colec-
tivamente e interessando realmente a Juventude que os rodeia.

Quer dizer: as nossas consignas iniciais - "a cada aderente uma tarefa",
"ali onde vive a juventude, constituir-se uma comissão do nosso Movimento
para orientar e esclarecer" - são consignas muito justas mas que ainda não
passaram em grande parte ao domínio da realidade.

Evidentemente não podemos dizer que nada se tenha progredido nesse sen-
tido. Com efeito, existem já hoje em muitos pontos do país, comissões de
base do Movimento - Comissões de empresa, nas colectividades populares, nas
escolas técnicas, secundárias e superiores - que começaram já a levar à
prática os objectivos do Movimento.

No entanto, na maioria dos casos, essas Comissões continuam a desenvol-
ver um trabalho fechado, sectorial, isto é, desligadas do conhecimento da
Juventude que as rodeia, longe de responderem às aspirações e preocupações
mais instantâneas dessa juventude, longe de lhes inculcarem confiança nas suas
possibilidades, quando unidos, organizados e a lutarem pelos seus problemas.

Daqui resulta que, se quisermos de facto converter o MUD Juvenil num
movimento nacional da nossa juventude, temos de nos atirar a sério para a
resolução dessas deficiências, que, no fundo, são na verdade deficiências
de organização.

Importa em primeiro lugar assentarmos ideias - as comissões do MUD Juve-
nil não surgiram, não se formam para substituir os organismos próprios onde
de movimento a Juventude - numa escola onde exista uma Associação Académi-
ca, é ela que tem de defender os jovens com uma actuação em sua defesa e
para a sua elevação - numa empresa onde formou uma comissão de aprendizes
ou de ajudantes para fazerem valer os seus direitos e lutar pelas suas as-
pirações legítimas, são elas que realmente o devem fazer, bem ligadas à ju-
ventude que as rodeia - num sindicato, onde se formou uma comissão de jovens
para lutar pelos problemas específicos da juventude operária, é ela que ef-
fectivamente deve representar e agir de acordo com os jovens que a elegeram
- numa colectividade, numa casa do povo, etc., onde existam possibilidades
e a necessidade de os jovens interessados entrarem para a direcção ou para
sub-secções específicas, são esses jovens eleitos que devem servir os inte-
resses da juventude que representam. (cont. na página 4)

---o---

LE, DISCUTE, DIVULGA O COLECTIVO

mas - e aqui é que o M.U.D. Juvenil aparece - é necessário que em todas as actividades o organismo juvenil os nossos aderentes se constituam em Comissões do M.U.D. Juvenil. Comissões estas onde se discute a orientação mais acertada a imprimir a essas actividades e organismos. Os aderentes do Movimento, organizados à volta da nossa Comissão de empresa, ou de colectividade, ou de escola, habituar-se-ão desse modo a reunir e a estudar colectivamente a orientação que melhor corresponde aos anseios da Juventude.

Numa palavra - não basta que exista uma colectividade com a sua Direcção e associados, não basta que exista uma escola com a sua Associação Académica, não basta que exista uma Casa do Povo com a sua burocracia própria - é necessário que esses organismos sirvam na prática os interesses e aspirações pequenas e grandes da Juventude que existe à sua volta. Para consegui-lo, isto é, para nos assegurarmos que eles cumpram efectivamente com o seu papel, é necessário que as Comissões do M.U.D. Juvenil existam e levem por diante o seu papel de orientadores e esclarecedores: encaminhar os jovens no caminho da unidade fraternal, no caminho da unidade combativa e realizadora, no caminho da fusão dos organismos oficiais com os verdadeiros interesses da Juventude, no caminho do aproveitamento, cada vez maior, da iniciativa juvenil, da democratização efectiva dos seus organismos próprios do estudo, do trabalho, do recreio, do desporto, etc.

Ser-se aderente do M.U.D. Juvenil é estar de coração aberto para lutar e seguir por este caminho.

Ser-se aderente do M.U.D. Juvenil importa fazer um trabalho organizado, um trabalho colectivo de estudo e de cumprimento prático das tarefas. Os factos mostram-nos que a maioria da Juventude deseja e pode seguir por este caminho.

Importa pois que se discutam e esclareçam estas questões.

Que as nossas Comissões Distritais, Concelhias, de Freguesia, que as nossas Direcções Académicas, que as nossas Comissões de Trabalhadores, saibam lutar para que se criem as Comissões de base, pois são elas que estão directamente em contacto com os jovens no estudo, no trabalho, no recreio, no desporto, etc.; que saibam lutar para que todos os aderentes estejam organizados à volta dessas Comissões a executarem tarefas previamente discutidas e quotidianamente verificadas na prática; que saibam lutar para que a maioria dos jovens adiram ao Movimento, e contribuam nessas tarefas.

Os jovens conhecem os seus problemas próprios, porque os sentem e os vivem na sua própria carne. O que eles não sabem é como devem conduzir as suas reuniões e discussões colectivas de modo a tirarem delas bom rendimento, o que eles não sabem é como se devem reunir uns aos outros - isto é que eles têm que ser esclarecidos e ajudados.

Por isso, Comissão criada, Comissão a assistir e a ajudar.

Que se ajudem as Comissões de base, ensinando-as a reunir, a discutir e a tomar iniciativas que sirvam os problemas e anseios que eles sentem, mas que ainda não souberam atacar praticamente.

O nosso Movimento, desde a Comissão Central às Comissões locais, não cria, não inventa os problemas e as aspirações dos jovens - esses estão criados, esses existem onde existe a Juventude. O nosso Movimento é responsável é por que os jovens ganhem confiança nas suas possibilidades próprias para resolver esses problemas, para lutar por essas aspirações

As nossas Comissões devem cumprir com este objectivo e elas mesmo se o fizerem a pouco e pouco, é que desde baixo até à Comissão Central aprenderão realmente qual é a situação da Juventude Portuguesa, quais são os seus maiores interesses, qual será o caminho que vai levar a Juventude à conquista progressiva do seu futuro, que o mesmo é dizer, ao engrandecimento progressivo da nossa Pátria.

Por este caminho, a nossa Juventude se transformará num exército sem armas, num exército de paz para a conquista do seu futuro.

Por este caminho, a Juventude e a Pátria se estão preparando para a conquista efectiva da Democracia.

Por este caminho, a Juventude encontrar-se-á cada vez mais apta a colaborar e a aderir em massa às forças democráticas que lutam por eleições livres e pelas liberdades fundamentais do nosso Povo.